

# A metátese da líquida não-lateral na aquisição: evidência para o pé troqueu\*

José Sueli de Magalhães\*\*



**Resumo** – Este artigo analisa a metátese da líquida não-lateral /r/ no percurso da aquisição do português brasileiro, focalizando o processo no nível do pé. Valendo-se dos dados de Lamprecht (1990) e de Zitzke (1998), essencialmente, procura-se não só dar uma nova interpretação à metátese, como também fornecer evidências para se confirmar que o tipo de pé que a criança está adquirindo é o troqueu.

## Introdução

A metátese é um fenômeno fonológico que consiste da troca de posição de um ou mais elementos na seqüência da fala. Tais elementos, seja uma sílaba ou um segmento (neste trabalho, a líquida não-lateral 'r'), passam por esse processo, especialmente na aquisição, em função de a criança estar se adaptando ao sistema fonotático da língua, ou mesmo devido a uma reestruturação da nova gramática a ser adquirida. Nesse sentido, uma criança que ainda tenha dificuldade na produção da coda silábica, por exemplo, pode transportar o segmento dessa posição para o onset, ou vice versa. Atento a essas considerações, o presente artigo se propõe a discutir e a analisar o processo de Metátese envolvendo o /r/, no percurso de aquisição do português brasileiro, a fim de que se possa identificar o sistema de pé que a criança está adquirindo.

\* Meus sinceros agradecimentos à colega Carolina Mezzomo pelas importantes e calorosas discussões. Qualquer erro, porém, é de minha inteira responsabilidade.

\*\* PUCRS / UFU. josemgs@yahoo.com.br

Antes, porém, de lidar com essas questões é preciso ressaltar que todo trabalho em aquisição deve assegurar que os dados sejam compatíveis com o que se quer descrever ou analisar e suficientemente esclarecedores para se resolver o problema em discussão. Conseqüentemente, faz-se necessária uma teoria que dê conta dos fatos a fim de que as afirmações feitas, a partir das hipóteses aventadas, possam ser sustentadas de forma eficaz. Neste artigo descreveremos os fatos com base nos dados obtidos junto aos trabalhos de Lamprecht (1990), em sua pesquisa com informantes acima de 2 anos e 9 meses; Lamprecht (2001), que analisa o processo de metátese pela Teoria da Otimidade; e de Zitzke (1998, 2001), que fez um levantamento das metáteses ocorridas na fala de 310 crianças entre 2 e 7 anos. Outros dados foram obtidos de Magalhães (2000) em um estudo feito com seis crianças, entre 2 anos e 4 anos e 6 meses, em que se procurou analisar a produção do onset complexo constituído de uma consoante oclusiva alveolar seguida da líquida não-lateral. As análises serão efetuadas a partir dos pressupostos teóricos da Fonologia Métrica realizados por Hayes (1995) e Bisol (1992, 1994) calcada em Hale e Vergnaud (1987). Uma breve introdução à Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky 1993; McCarthy e Prince 1993; Kager, 1999) também será apresentada, dada a sua relevância para a análise de Lamprecht (2001).

Este artigo está disposto da seguinte forma: na seção 1 será traçada uma rápida abordagem acerca da líquida não-lateral /r/. Em seguida destacaremos o modelo da Teoria da Otimidade. Na seção 4, trataremos da descrição e análise da metátese de /r/ a fim de que se possa, por meio desse processo, encontrar evidência do tipo de pé métrico que a criança falante do Português Brasileiro está adquirindo. Finalmente, apresentaremos as conclusões acerca do que foi discutido.

### A líquida não-lateral na aquisição

A classe das consoantes líquidas inclui as laterais /l/ e /ʎ/ e as chamadas "róticas" /R/ e /r/. O status fonológico dessas últimas, no português, tem sido alvo de muitas discussões. Neste trabalho consideraremos a posição de Câmara Jr. (1970),<sup>1</sup> confirmada por Miranda (1996), de que existe oposição fonológica entre /R/ e /r/ em português. Toda nossa atenção, no entanto, estará voltada para processos envolvendo o segundo segmento.

<sup>1</sup> O próprio autor, em 1953, assumia que, no Português Brasileiro, só existiria um fonema vibrante na subclasse, que seria o 'r-forte' /R/. Câmara Jr. afirmava também que /r/ seria uma variante de /R/ à semelhança do que ocorreu na evolução do latim para o português em que as consoantes simples se tornaram fracas em posição intervocálica.

Os segmentos /R/ e /r/ sofrem no Português Brasileiro inúmeras variações, oscilando de dialeto para dialeto. Algumas dessas variações ocorrem em função da posição desse segmento na sílaba. Os exemplos a seguir ilustram a realização da líquida não-lateral alveolar /r/, ou 'r-fraco':

#### (01) /r/ (ou "r-fraco")

- a) início de sílaba (dentro da palavra)  
ex: to/r/a, ca/r/o ≠ to/R/a, ca/R/o
- b) após consoantes obstruintes  
ex.: t/r/igo, pad/r/e Cf. \*t/R/igo, \*pad/R/e
- c) final de sílaba  
ex.: pe/r/to, ba/r/ ~ pe/R/to, ba/R/

Em posição inicial de sílaba/início de palavra não é possível a ocorrência de /r/; em posição final de sílaba, /R/ e /r/ são variações dialetais (Câmara Jr., 1970, p. 49-50). A única situação em que há oposição fonológica ocorre quando os segmentos estão em início de sílaba/dentro de palavra, intervocalicamente, como em to/R/a - to/r/a. Finalmente, após consoantes obstruintes, só ocorre /r/ (1b). Palavras como "t/r/ipa, pad/r/e, p/r/imo, b/r/inco, c/r/ista e g/r/ito" comprovam tal afirmação.

Acerca da aquisição do 'r', Miranda (1996) analisou dados de 110 crianças normais - 55 meninos e 55 meninas - com idades entre 2 anos e 3 anos e 9 meses, concluindo que até esse limite tal segmento já estava adquirido. No que se refere à metátese envolvendo esse segmento, a autora não realiza maiores discussões. Miranda faz alguma menção à epêntese, um processo que não se dá exatamente com a líquida não-lateral, mas com outro segmento que se acrescenta adjacente ao 'r', avaliando que as crianças recorrem a esse processo como forma de rearranjar a estrutura silábica, nas ocasiões em que /r/ se realizaria em coda final. O mesmo é averiguado por Mezzomo (em elaboração) em seu estudo detalhado sobre a aquisição da coda medial e final.

### A Teoria da Otimidade (TO)

Diferentemente dos chamados modelos derivacionais de cunho gerativista que operam com regras postuladas a partir do *input*, passando por representações subjacentes (intermediárias) até chegar ao *output*, a Teoria da Otimidade tem como foco direto o próprio *output*. Ou seja, toma-se agora um conjunto de realizações fonéticas para se alcançar aquela que será considerada mais harmônica (ótima) com relação a um determinado *input*. A operacio-

nalização dos mecanismos da teoria se dá por meio de uma hierarquia de restrições universais onde essas restrições interagem. Todas as operações são efetuadas em paralelo, sem que nenhum estágio serial ou intermediário seja tolerado.

McCarthy e Prince (1993) resumem as propriedades do modelo atestando que as restrições são violáveis; estão ordenadas conforme as línguas particulares; os candidatos a *output* "ótimo" são admitidos com base em considerações muito gerais sobre boa formação estrutural, não havendo regras específicas ou estratégias de reparo com descrições estruturais específicas, nem mudanças estruturais conectadas a restrições específicas; a melhor satisfação da hierarquia de restrições é computada com base em toda a hierarquia e no conjunto completo dos candidatos a serem avaliados.

Outro aspecto fundamental da teoria é que as restrições são definidas em termos de *marcação* e de *fidelidade*.

De um lado, *as restrições de marcação* procuram sempre estabelecer como *output* ótimo aquele que for menos estruturalmente marcado, o que é "não é uma escolha arbitrária, mas está fixado nos sistemas articulatórios e perceptuais" Kager (1999, p. 3). Assim, se as restrições de marcação são justificadas por algum mecanismo articulatório ou perceptivo, isso faz com que a preferência universal por alguma estrutura (exemplo, a estrutura silábica universal CV) ou por algum segmento (exemplo, o segmento /a/) em detrimento de outra estrutura ou de outro segmento não seja uma escolha aleatória, mas sim motivada.

Por outro lado, *as restrições de fidelidade* pressionam o sistema a que *input* e *output* sejam idênticos. De acordo com Bernhardt & Stemberger (1998, p. 28), devido à pressão das restrições de fidelidade "os falantes são obrigados a pronunciar uma palavra exatamente como ela é na estrutura subjacente, a não ser que isso seja impossível por causa de outras restrições".

### A metátese do 'r' na aquisição

A metátese é um processo por meio do qual em certas línguas, sob certas condições, a ordem linear esperada dos sons é invertida. Caracteriza-se como o movimento de uma consoante dentro de uma palavra, independentemente de como se vêem as estruturas prosódicas menores, sejam elas o pé ou a sílaba.

Segundo Hume (2000) a natureza aparentemente distinta da metátese em relação aos outros processos fonológicos tem resultado na visão de que ela é esporádica e irregular, restrita a erros

de performance, linguagem infantil ou mudança lingüística. Contra essa idéia, a autora apresenta um amplo estudo em que comprova que a metátese, embora não tão comum quanto processos de assimilação e de apagamento, ocorre regularmente em um grande número de línguas.<sup>2</sup>

Análises de diferentes padrões de metátese em diferentes línguas permitiram a Hume concluir que tais padrões recebem uma explicação direta quando considerados dois fatores: a natureza dos sons envolvidos e a influência dos sons padrões na língua. E isso também parece ser evidenciado na aquisição, como veremos a seguir.

A respeito, especificamente, da metátese na aquisição, Velleman (1996, p. 173) aponta ser "este um mecanismo para pronunciar a palavra do adulto sem violar um padrão preferido na estrutura silábica ou na ordem de traços, com a intenção de manter as formas que são menos marcadas dentro do sistema individual da criança". Os dados por nós analisados apontam para essa conclusão, haja vista que o objetivo da criança é tão somente produzir estruturas mais simples, o que pela Teoria da Otimidade, por exemplo, quer dizer que restrições de Fidelidade importantes ainda são dominadas por restrições de Marcação. Quem bem define, porém, esse processo com os olhos da Teoria da Otimidade é Lamprecht (2001, p. 5-6) ao afirmar que "a metátese é uma janela através da qual podemos observar o movimento das restrições sendo rerranqueadas, uma janela através da qual podemos seguir esse rerranqueamento à medida que ele acontece, na trajetória da criança através de gramáticas intermediárias rumo à gramática do adulto que ela deverá finalmente atingir". Definindo-se a escalada da aquisição como uma constante evolução e mudança de gramáticas, ou como reconstrução de hierarquias de restrições, a metátese é sem dúvida um espelho que reflete esses movimentos.

Como apontado na introdução deste trabalho, pesquisas envolvendo a metátese na aquisição do Português Brasileiro estão bem desenvolvidas em Lamprecht (1990, 2001) e Zitzke (1998, 2001). A primeira pesquisadora havia constatado que a ocorrên-

<sup>2</sup> Dados e estudos recentes sobre a metátese nas línguas do mundo estão disponíveis no website "Elizabeth Hume, 2000. Metathesis Website: [www.ling.ohio-state.edu/~ehume/metathesis/](http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/metathesis/) criado pela própria autora, que tem se dedicado intensamente ao estudo desse fenômeno fonológico. Consta desta página na internet, além de inúmeras informações sobre estudos recentes acerca da metátese, um farto banco de dados de diferentes línguas.

cia de metátese se dá quase totalmente entre crianças mais velhas. Em sua pesquisa com informantes acima de 2:9, concluiu que as crianças que a realizam "não tentam resolver uma dificuldade de produção sequencial através do recurso a outra estrutura silábica, sem substituir, propriamente, nenhum som. Além do mais, a nova estrutura silábica criada não é, necessariamente, diferente da evitada, podendo ser constituída de outros componentes, talvez mais fáceis" (Lamprecht 1990, p. 303). Todas essas conclusões vêm na direção do pressuposto da fonologia natural (Stampe, 1973), teoria suporte para a análise da autora, de que para o falante, quanto menos conteúdo e menor diversidade e combinação de traços, melhor. Isso significa que a metátese na aquisição não está ligada somente ao fato de a criança ainda não dominar uma estrutura, talvez mais complexa, mas está também relacionada à busca, pelo aprendiz, de uma alternativa sempre mais fácil para produzir uma determinada estrutura.

Diferentemente de Lamprecht (1990), Zitzke (1998) fez um levantamento das metáteses produzidas por 310 crianças entre 2 e 7 anos e constatou que esse processo é bastante produtivo, mesmo entre crianças com o inventário fonético-fonológico não desenvolvido plenamente<sup>3</sup>. Por outro lado, como já tem sido referido na literatura, as duas pesquisas apontam a líquida não-lateral alveolar /r/ como o segmento mais envolvido no processo.

A ocorrência de metátese, majoritariamente, em idade mais elevada seria explicada, ainda de acordo com Lamprecht (1990), como uma estratégia das crianças que já superaram em parte, ou estão superando, dificuldades de estrutura silábica e por isso não apagam, mas transpõem os componentes dessas estruturas numa tática de dupla evitação: evitação de estrutura problemática, o que está de acordo com a visão natural assumida, e evitação do apagamento puro e simples. Quanto ao envolvimento freqüente da líquida no processo, a explicação da autora é que esses sons integram as estruturas mais complexas do português, isto é, CCV e CVC. Além disso, são sons de aquisição tardia, portanto só poderão estar envolvidos em processos realizados por crianças maiores.

Acreditamos, todavia, que a explicação para esse fato avança um pouco mais, uma vez que, se fosse sempre como referido

<sup>3</sup> Corroborando as conclusões de Zitzke (1998), o estudo de Mezzomo (em elaboração) sobre aquisição da coda medial e final verificou que a metátese ocorre em quase todas as faixas etárias pesquisadas (de 1:11 a 3:9).

acima, os segmentos mais inicialmente adquiridos poderiam também estar sujeitos à metátese. Entendemos que a relevância do envolvimento de 'r' nos processos de metátese está diretamente associada à estrutura silábica complexa em que esse som quase sempre aparece e não à época de aquisição de um ou de outro segmento qualquer. Além do mais, a complexidade das estruturas silábicas CCV e CVC acima não se justifica pela estrutura em si, mas pelos segmentos que as compõem, já que a estrutura CV[s], por exemplo, é adquirida cedo e nem por isso a metátese envolvendo o segmento [s] é relevante.

Quanto à estrutura resultante após a metátese por transposição do 'r', Lamprecht (1990, p. 305-306) verifica as configurações em (02):

(02)	CC	→ CC	"vidro"	→	[vridu]
	CC	→ CVC	"prego"	→	[pɛrgu]
	CVC	→ CVC	"açúcar"	→	[asurka]
	CVC	→ CC	"martelo"	→	[matrelu]

Tem-se normalmente classificado a metátese, conforme a sua relação e movimentação pelas sílabas da palavra (Zitzke 1998, 2001, Lamprecht 1990, 2001), da seguinte forma:

□ Metátese intersilábica: pelos dados de Zitzke, esse é o tipo mais comum e ocorre quando o segmento troca de sílaba:

(03)	vidro	→	['vri.du]	(Z, L) <sup>4</sup>
	cobra	→	['kɔr.ba]	(Z, L)
	Pedrico	→	[pre.'diku]	(M)

□ Metátese intrassilábica: nesse caso o segmento passa do onset para a coda ou da coda para o onset:

(04)	terceiro	→	[tre.'se.ru]	(Z)
	barco	→	['bra.ku]	(Z)
	perto	→	['pɛrtu]	(Z)

□ Metátese recíproca: ocorre quando duas consoantes trocam de posição entre si:<sup>5</sup>

(05)	amarelo	→	[a.ma.'lɛ.ro]	(L)
------	---------	---	---------------	-----

<sup>4</sup> A letras maiúsculas entre parênteses indicam a fonte de onde se obtiveram os dados, a saber: Z = Zitzke (1998, 2001), L = Lamprecht (1990, 2001) e M = Magalhães (2000).

<sup>5</sup> A metátese recíproca, de pouco interesse neste trabalho, não mais será referida, haja vista não alterar a estrutura da sílaba significativamente.

## A metátese e o pé métrico

Analisando os dados apresentados ao longo dos trabalhos de Lamprecht (1990, 2001) e Zitzke (1998 e 2001), chegamos à conclusão de que é necessário avaliar o fenômeno da metátese um nível acima da sílaba na hierarquia prosódica, uma vez que esse processo pode nos fornecer mais informações acerca da constituição rítmica da língua. Isso nos permitirá também arrolar uma outra classificação para as metáteses no que se refere ao pé do acento, a partir da observação de que o movimento da consoante pode não só fazê-la mudar de sílaba, mas também mudar de pé, sem modificar a forma do pé. Considerando, conforme Bisol (1992, 1994), que o acento de palavra no Português Brasileiro se forma a partir de um pé binário de cabeça à esquerda do tipo (\* .) construído na margem direita da palavra ou, se a sílaba final tem rima ramificada, atribuindo diretamente a ela um (\*), nos termos de Halle & Vergnaud (1987), vejamos como se estruturam metricamente as palavras abaixo, observadas as metáteses ocorridas:

### (06) metátese para dentro do pé

- a) microfone → [mi.co.'fro.ni] (L)  
 b) tra.tor → [ta.'tror] (Z)  
 c) revólver → [Re.'vɔw.vri] (Z)

### (07) metátese para fora do pé

- a) comprar → [trom.'par] (M)  
 b) lagarto → [lar.'ga.to] (Z)  
 c) vidro → ['vidur] (Z)

### (08) metátese dentro do pé

- a) cobra → ['kɔr.ba] (Z, L)  
 b) tigre → ['tri.gi] (Z, L)  
 c) garfo → ['gra.fu] (Z)

### (09) metátese fora do pé

- a) lagartixa → [lar.ga.'tʃi.ʃa] (Z)  
 b) microfone → [kri.ko.fo.ni] (Z)  
 c) trator → [tar.tor] (Z)

Em (06) o movimento da líquida não-lateral se dá *de fora para dentro* do pé do acento, sem qualquer interferência na constituição do troqueu silábico (6a e 6c) ou no pé formado pela atribuição de (\*) à rima ramificada final (6b). Devemos assinalar que em (6c), a metátese realizada pela criança é responsável pela não existência do elemento extramétrico previsto na teoria para casos especiais de paroxítonas terminadas em consoantes, o que não altera o pé já adquirido. Em (07), a consoante se movimenta em sentido oposto aos casos registrados em (06), ou seja, agora o /r/ movimenta-se *de dentro para fora* do pé, também sem alterar a estruturação métrica das palavras da fala adulta. Outra importante observação é que, diferentemente de (6c), o dado em (7c) demonstra que a líquida não lateral, que na fala adulta ocupa a posição de onset, é produzida pelo aprendiz como coda, motivo pelo qual é extramétrica, não alterando, assim, o pé já erigido. Já em (08) todo o processo acontece *dentro* do pé acentual e se constata, pela nossa análise, que, em nenhum caso, a estrutura do pé se desfaz ou sofre qualquer alteração. O mesmo pode ser afirmado nos dados em (09), em que o processo de metátese acontece fora do pé.

Matzenauer-Hernandorena (2001) assinala que a estrutura métrica da língua é adquirida muito cedo e os fatos acima parecem ratificar essa constatação, pois, sendo a líquida não-lateral um segmento adquirido tardiamente, era de se esperar que qualquer associação entre metátese envolvendo esse segmento e a estrutura métrica não alterasse a constituição dos pés. Essa expectativa, contudo, só se confirma pela assunção do troqueu como pé padrão da língua.

A questão mais importante a se apontar sobre os diversos movimentos da líquida não lateral pela estrutura métrica da palavra, então, é que essa análise fornece claras evidências para que se reforce o troqueu, nos termos de Bisol (1992, 1994), como o pé básico do Português Brasileiro. Os exemplos e a construção métrica acima confirmam isso, já que nenhuma alteração importante é percebida, demonstrando que a criança adquire desde cedo o troqueu como pé métrico.

Se, por hipótese, fosse sugerida uma análise dos dados acima a partir de uma teoria mórica (Hayes, 1995), teríamos, além de generalizações perdidas, a constatação de que a estrutura métrica ainda não estaria adquirida, haja vista a construção e reconstrução de pés, o que, de resto, seria muito mais trabalhoso para o aprendiz. Uma análise mórica é apresentada em (10-13) a seguir:

- (10) a)  $\begin{matrix} (\mu \mu) & & (\mu \mu) \\ \text{mi.cro.fo.ne} \rightarrow & [\text{mi.co.'fro.ni}] \end{matrix}$   
 b)  $\begin{matrix} (\mu\mu) & & (\mu\mu) \\ \text{tra.tor} \rightarrow & [\text{ta.'tror}] \end{matrix}$   
 c)  $\begin{matrix} (\mu\mu) \cdot & & (\mu\mu) \cdot \\ \text{revól.ve<r>} \rightarrow & [\text{xe.vow.vri}] \end{matrix}$
- (11) a)  $\begin{matrix} (\mu\mu) & & (\mu\mu) \\ \text{com.prar} \rightarrow & [\text{trom.'par}] \end{matrix}$   
 b)  $\begin{matrix} (\mu\mu) \cdot & & (\mu\mu) \\ \text{la.gar.to} \rightarrow & [\text{lar.'gato}] \end{matrix}$   
 c)  $\begin{matrix} (\mu \mu) & (\mu \mu) <r> \\ \text{vi.dro} - & [\text{'vi.dur}] \end{matrix}$
- (12) a)  $\begin{matrix} (\mu \mu) & (\mu\mu) \cdot \\ \text{co.bra} \rightarrow & [\text{kɔr.ba}] \end{matrix}$   
 b)  $\begin{matrix} (\mu \mu) & (\mu \mu) \\ \text{ti.gre} \rightarrow & [\text{'tri.gi}] \end{matrix}$   
 c)  $\begin{matrix} (\mu\mu) \cdot & (\mu \mu) \\ \text{gar.fo} \rightarrow & [\text{'gra.fu}] \end{matrix}$
- (13) a)  $\begin{matrix} (\mu \mu) & & (\mu \mu) \\ \text{la.gar.'ti.xa} \rightarrow & [\text{lar.ga.'tʃi.ʃa}] \end{matrix}$   
 b)  $\begin{matrix} (\mu \mu) & & (\mu \mu) \\ \text{mi.cro.'fo.ne} \rightarrow & [\text{kri.ko.'fo.ni}] \end{matrix}$   
 c)  $\begin{matrix} (\mu\mu) & & (\mu\mu) \\ \text{tra.tor} \rightarrow & [\text{tar.'tor}] \end{matrix}$

Os dados em (10a-b) mostram que a estrutura métrica se mantém, uma vez que a consoante se moveu para dentro do pé mórico, mas se alojou na posição de onset, o que não interfere na formação de pés dessa natureza. No entanto, em (10c) a consoante saiu da coda para a posição de onset, o que, embora não interfira no pé mórico erigido, aumenta sobremaneira o trabalho do aprendiz que terá a tarefa de reorganizar a sílaba final, aplicando a extrametricidade ao 'r', além de ter que ignorar o onset e o núcleo dessa

sílaba na construção métrica.<sup>4</sup> Em (11a) a consoante se movimenta para fora do pé, mas sai da posição de onset da sílaba final para uma nova posição, também de onset, na sílaba inicial, não influenciando, pois, em que o pé se altere. Porém, em (11b-c), novamente, tem-se uma reordenação das moras, e conseqüentemente, uma reorganização do pé.

Em (11b), a sílaba final que, na fala adulta, não conta para a construção do pé mórico, é incorporada pela criança, devido à metátese do 'r' em coda medial para a coda inicial, esta fora do pé. Desse modo, a tarefa da criança será a de reconstruir o pé, antes constituído de duas sílabas leves, para que ele contenha apenas uma sílaba pesada, assim ignorando a sílaba final, antes parte do pé. De maneira oposta, em (11c), o pé que, na fala adulta, é formado de duas sílabas leves, é erigido na fala da criança com o 'r' extramétrico.

Os dados em (12) revelam que em (12a) a criança deve reconstruir o pé, incorporando a sílaba final abandonada devido ao movimento do 'r' do onset para a coda da primeira sílaba. Procedimento totalmente oposto deverá ser efetuado em (12c), já que, enquanto na fala da criança um pé com duas sílabas leves foi formado, devido à metátese do 'r' da coda para o onset da sílaba inicial, na fala adulta se constrói um pé com as duas moras da primeira sílaba, ignorando a sílaba leve final. Em (12b), a estrutura se mantém, uma vez que a líquida não-lateral se move de onset para onset, não interferindo na estruturação mórica dos pés.

Obviamente, se a metátese ocorre fora do pé métrico, nenhuma alteração será verificada, como atestam os dados em (13a-c).

A observação final, portanto, é que tantas irregularidades não justificam uma análise mórica do sistema métrico que a criança está adquirindo.

### Conclusão

Esse artigo avaliou o fenômeno fonológico da Metátese envolvendo a consoante líquida não-lateral /r/, no período de aquisição da fonologia do português, permitindo-nos concluir que esse processo fornece claros indícios de que o pé acentual que a criança falante do Português Brasileiro está adquirindo é

<sup>4</sup> Ver Massini-Cagliari (1995) para uma proposta mórica, na linha de Hayes, para o sistema de acento do Português Brasileiro.

mesmo o troquei nos moldes propostos por Bisol (1992, 1994). Isso foi percebido devido ao fato de o sistema de regras relativas ao troquei ser uniformemente estabilizado pelo aprendiz. Propostas diferentes, como a do pé mórico, mostraram-se muito trabalhosas para a criança, dadas as diversas ações de construção e reconstrução de pés, bem como a instabilidade notada a respeito da estrutura métrica. Os dados permitiram-nos ainda estabelecer uma nova classificação para a Metátese, tendo em vista o movimento da consoante com relação pé: de dentro para fora, de fora para dentro, todo o movimento dentro do pé e, finalmente, todo o movimento fora do pé.

### Referências

- ARCHANGELLI, D. Optimality theory: an introduction to linguistics in the 1990's. In: ARCHANGELLI, D.; LANGENDOEN, D. T. *Optimality Theory: an Overview*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- BERNHARDT, B. H.; STEMBERGER, J. P. *Handbook of Phonological Development: from the Perspective of Constraint-based Nonlinear Phonology*. San Diego: California Academic Press, 1998.
- BISOL, L. *O acento: duas alternativas de análise*. PUCRS, Ms, 1992.
- . O acento e o pé binário. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dez. 1994.
- . A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: FAPESP, 1999. v. 7.
- CAMARA Jr., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- . *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- FIKKERT, P. *On the Acquisition of Prosodic Structure*. 1994 (PhD Dissertation) – Leiden: HIL, 1994.
- Hale, M.; Vergnaud, J.-R. *An Essay on Stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HERNANDORENA, C. L. M. Aquisição de segmentos do português e o pé métrico. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 85-99, 2001.
- HUME, E. Metathesis Website: [www.ling.ohio-state.edu/~ehume/metathesis](http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/metathesis). 2000.
- KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LAMPRECHT, R. R. *Metathesis in phonological acquisition: a window to constraint ranking in the child's system*. Paper presented in GALA-2001.

———. A aquisição da fonologia do português na faixa etária dos 2;9-5;5. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 99-106, 1993.

———. *Perfil da Aquisição da Fonologia do Português*. 1990 (Tese de doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 1990.

MAGALHÃES, J. S. de. *O Encontro Oclusivas mais Líquidas Não-laterais na Fala de Crianças em Fase de Aquisição do Português*. 2000 (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo histórico da acentuação no português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*. University Of Massachusetts at Amherst, and Rutgers University, <http://ruccs.rutgers.edu/roa>, 1993.

MEZZOMO, C. (em elaboração). *Aquisição da Coda Final e Medial: Análise via Teoria da Otimidade*. Tese de Doutorado. PUCRS – Porto Alegre.

MIRANDA, A. R. M. *A Aquisição do 'r': Uma Contribuição à Discussão sobre o seu Status Fonológico*. 1996 (Dissertação de Mestrado) – PUCRS, Porto Alegre.

NESPOR, I.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Ms / Ruccs Technical Report, 1993.

STAMPE, D. *A dissertation on Natural Phonology*. 1973 (Tese de doutorado) – Chicago University, 1973.

VELLEMAN, S. L. Metathesis highlights feature-by-position constraints. In: *Proceedings of the IIBC International Conference on Phonological Acquisition*. Somerville: Cascadilha, p. 173-186, 1996.

ZITZKE, B. C. *Uma análise da Ocorrência de Metáteses na Fala de Crianças em Fase de Aquisição da Linguagem*. 1998 (Tese de Mestrado) – PUCRS, Porto Alegre, 1998.

———. Um levantamento de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição de linguagem. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 219-227, 2001.